

TARÔ, UMA CIÊNCIA QUE MERECE ESTUDO

©Cláudio Carvalho – 2007

Após anos estudando e trabalhando com a Ciência do Tarô, ou Ciência Tarótica como prefiro chamar, pude perceber uma importante, porém delicada questão que pode gerar certas controvérsias entre os praticantes e estudiosos do tema.

Minhas pesquisas com o Tarô não abrangem apenas as áreas usuais de modelo convencional, ou seja, métodos de deitada ou tiragem, o que significam os Arcanos Maiores, Menores, Ases, Cartas da Corte ou Reais e assim por diante. Estes aspectos mencionados retratam formações específicas porque são utilizados convencionalmente pelos muitos praticantes desta Ciência, todavia, estas formações são organizadas segundo o nível de aprofundamento daquele que ensina, e é justamente neste ponto que surge a “encruzilhada” dos fatos.

Primeiramente se faz necessária uma breve perspectiva Filológica sobre a tênue diferença entre um *praticante* e um *estudioso* da Ciência Tarótica.

A palavra *estudioso* tem sua origem no grego *philospoydos*¹, i.e. amigo das libações. A priori pode parecer estranha a conotação dada, contudo, o ato de *libar* é um ato de *server*, criando assim, uma interação do sujeito (o estudioso) com o objeto (o que se estuda).

Uma outra forte perspectiva que suporta o que foi mencionado acima, é quanto ao estudo da Simbólica. Ao analisarmos pela via do Simbolismo o que a Filologia nos remete, veremos que existe o Simbolizado e o Símbolo em si. O ponto de partida seria analisar o Simbolizado que é a própria quintessência através de seu representante críptico ou Símbolo. Podemos observar como bom exemplo um termo constantemente utilizado por bilhões de pessoas, Deus. Este é o Simbolizado (ainda que de alguma forma ele pode ser considerado também um Símbolo) que pode ser expresso ou representado, o Símbolo, de diversas maneiras — pelo Olho no Triângulo ou O Homem Vitruviano com sua medida áurea. O resultado é determinado por variáveis devido ao nível ou padrão adquirido por cada observador ao decodificar os Símbolos. Portanto sempre serão inúmeras as interpretações dadas ao Objeto em questão. Isto é estritamente normal e de uma certa forma até mesmo necessário no estudo da Simbólica ou de qualquer outra matéria. Alguns dos grandes sábios da antiguidade perceberam esta variação em estruturas diversas, até mesmo na destruição de imagens sejam estas cognitivas, ou suprafísicas, eis o tema do Iconoclasta.

Na junção de ambas perspectivas o estudioso abrange formas mais amplas dentro da Ciência estudada, conforme expressas em contextos histórico, etimológico, filológico, sociológico, antropológico, mitológico, iconológico, artístico, geométrico, matemático, e da hermenêutica inserida nas linhas e traços dos baralhos mais antigos, enquanto que os baralhos Iluminadores, Românticos e Modernos, remetem a composições astrológicas, qabalísticas, elementais, entre outras.

Esta complexidade faz do estudioso um Erudito², pois ele faz uma profunda associação de informações de acordo com o campo geral destas Ciências a fim de organizar um vasto cabedal como base fundamental de toda uma estrutura construída em cima de estudos e pesquisas muito dinâmicos. Surge

¹ Em grego Φιλόσπουδος.

² Erudição significa apenas uma instrução vasta e variada.

então, o sufixo *logos*³, que é a matéria do estudo do qual se especializa e explica. Como adjetivo, surge outro sufixo *logios*⁴, ou hábil no falar, eloqüente, douto ou sábio. Estas eram características conferidas ao antigo deus egípcio Thoth⁵ e aos seus seguidores, os *Herméticos*⁶. Portanto, quando alguém se torna um estudioso além de praticante da Ciência Tarótica⁷, ele é um Tarólogo, ou seja, um douto neste tema. Como de fato ocorre comumente em nossa língua⁸, uma palavra é constituída por um *significante* (a forma) e um *significado* (a idéia, o conceito). Assim, Tarólogo, contem ambos os sentidos de *logos* e *logios*, da mesma forma que outras Ciências.

Assim, e não de outra forma, um arqueólogo torna-se um douto em Arqueologia, um teólogo versado em Teologia, dando como possíveis exemplos.

Obviamente, alguns dentro destes ramos, irão se especializar em sub-ramos que compõem o quadro final daquela Ciência. Estes são considerados os *práticos*⁹, derivando da palavra *práxis*, i.e. execução ou aplicação por oposição à teoria. Neste caso 'oposição à teoria' não é descartar a teoria estudada, pelo contrário, é de complementá-la com a prática adquirida.

Esta questão é de grande importância para o estudante ou aquele que está iniciando seus estudos e pesquisas dentro de uma área não importando qual seja. Outrossim, existem determinadas áreas de estudos que possuem um sufixo oposto ao *logos*, o "ista" que de uma forma ou de outra está ligado ao "ismo", que é o pejorativo para "dogma" ou conceitos pré-estabelecidos. Desta forma, as perspectivas podem variar neste contexto lingüístico de formas e idéias.

³ Λόγος.

⁴ Λόγιος.

⁵ Existem várias grafias para a palavra grega Thoth. Algumas delas como Taht, Tat, Tehuti, Tot, Taur são de origem egípcia, e mesmo assim, as palavras mencionadas acima, foram transliteradas de acordo com a fonetização utilizada pelos povos mediterrâneos séculos depois. Isto ocorreu devido a enorme dificuldade de entender a escrita e língua egípcia, principalmente quanto aos escritos e palavras hieráticas já que eles não usavam e nem mesmo conheciam em suas primeiras dinastias as vogais, o que nos comprova que a transliteração grega é oriunda de fontes muito mais antigas. Alguns eruditos teorizam sobre a origem da palavra Thoth, e existem duas correntes que se confrontam em seus dados acadêmicos. Uma corrente determina que sua origem provém do período Macedônico ou Ptolomaico, estes teriam transliterado "Tht" (Tehuti) para Thot (h). Cícero dizia que este era um dos nomes de Mercúrio. A outra corrente é a favor de uma origem bem mais recente, provavelmente no século XVIII ou XIX, quando houve uma racionalização franqueada por estudiosos da Tradição Oculta, conhecidos pelos românticos como *Hermetistas*. Eles mesmos, se autoproclamavam *Filhos de Hermes*, ou de Thoth. *Hermes (Ερμης)* foi o nome dado pelos gregos no período Ptolomaico, e segundo Cícero, dela surgiu a palavra *Hermētis* que é latina e não grega. A partir dela proveio a corruptela *Hermeticum* que segundo alguns é um termo escolástico aplicado as pesquisas de textos gnósticos, como ocorreu quando se estudou as origens do *Corpus Hermeticum*. Assim inúmeros alquimistas da Idade-Média que herdaram este vasto Conhecimento do Oriente foram conhecidos pelos escolásticos como *Hermetistas*. Esta grafia encontrou seu apogeu entre os românticos, com o renascimento do Oculto aquecido pelas fornalhas mais modernas do que de seus antepassados.

⁶ Vide explicação acima.

⁷ Hoje o trabalho prático com as lâminas do Tarô abrange áreas de uso Terapêutico (**Θεραπευτικός**), contudo, de acordo com alguns escritos gregos de Corrente Pitagórica, o verdadeiro Terapeuta (**Θεραπευτήρ** ou **ς**) seria um dos Grandes Homens, nos quais Platão se inspirou. Estes pertencem ao Terceiro Colégio, e segundo Saint Yves são Homens que fariam parte do *Conselho de Deus* citados em *Missão dos Judeus*.

⁸ A Língua Portuguesa para o Brasil, está completamente diferente daquela falada em Portugal, houve profundas modificações nos últimos cinquenta anos na ortografia e a inserção de palavras estrangeiras em nosso vocabulário. No meu ponto de vista, a nossa Língua poderia se chamar Brasileira, restaurando nossa hegemonia e escrita. Por exemplo, até o início do século passado Brasil era escrito com **z** e não **s**. Muitos países tanto de origem anglo-saxão como latina nos chamam de brasileiros e não brasileiros que surgiu como um termo pejorativo. De qualquer forma, mantereí o padrão estabelecido.

⁹ Do grego *prakticos* = Πρακτικός.

Esta explanação serve de modelo para que o estudante se torne de fato cômico do seu trabalho caso ele aspire ser um excelente profissional com o Tarô, e a necessidade se faz presente quando este ou aquele entra em evidência no cenário holístico.

Desde 1982¹⁰ — e não mudou muito nestes anos a não ser quantitativamente — percebo que muitos ‘profissionais’ se colocam como consultores, professores e formadores desta Ciência, e concluem que o respaldo de seus conhecimentos, estatisticamente falando, provem de outros ‘profissionais’, através de cursos ou workshops dando-lhes garantias de uma excelente consultoria. Muitas vezes cursos de um, dois ou até seis meses, fornecem certificados com o mínimo de critério, quando há, àqueles que são considerados aptos para ministrar posteriormente um curso ou workshop a outros iniciantes.

Infelizmente, não há ainda uma organização no setor a fim de validar cursos e pesquisas paralelas que permitam um tempo muito maior e conseqüentemente um melhor aprofundamento para o aluno ou mesmo para os mais interessados. Além disto, cada pessoa possui um tempo correspondente a sua natureza para o entendimento Tarótico, e muitos iniciantes ou curiosos reclamam quando turmas são compostas por um número acima de cinco pessoas, criando um desnível na absorção do conhecimento passado, o que não contribui para um desenvolvimento melhor de ensino a ser conferido posteriormente por estes futuros ‘profissionais’.

No Brasil, somente agora está ocorrendo uma procura pelas ciências que estão inseridas nas lâminas Taróticas, e vejo algumas pessoas percorrendo esta via com interesse, manifestando os primeiros indícios dentro dos contextos histórico e simbólico, ainda que não tanto iconográfico e artístico, mas já é um começo. Os livros nacionais sobre tais temas são escassos, mas boas coisas podem surgir deste recente ímpeto de abranger áreas que antes não eram fomentadas entre os profissionais brasileiros.

Por isto, volto a insistir, há uma necessidade de verdadeiros profissionais daqui se organizarem em torno de um excelente desenvolvimento Tarótico, e não apenas de um trabalho convencional e sob certo aspecto, repetitivo. Os grandes pesquisadores respiram 100% ao que se dedicam em estudos, tanto práticos como teóricos, e somente assim, um verdadeiro trabalho toma corpo e fundamento, sustentado pelo cabedal adquirido pelos anos de dedicação. Outrossim, tempo pode ser relativo, pois existe ‘profissionais’ que dizem atuar por muitos anos, cujo trabalho apresenta forte tendência dogmática substanciada por suas crenças pessoais, deturpando sérios ensinamentos acompanhados com a falta de isenção e sobriedade ao passar o conhecimento da Arte para sinceros estudantes.

O Tarô é científico e cultural, e se muitos teorizam que sua forma atual de interpretação e simbólica tem sua origem no século das Luzes, na Idade da Razão, isto só viria a corroborar que sua segunda fonte é o Iluminismo Científico. E quanto a primeira? Qual sua origem? Estas perguntas fazem parte de um outro artigo que será escrito mais adiante.

De qualquer forma gostaria de terminar este escrito com uma frase que sempre me chamou atenção:

“O progresso de um povo depende, exclusivamente, do desenvolvimento de sua cultura”.

(Napoleão Bonaparte)

¹⁰ Havia alguns profissionais que já trabalhavam terapeuticamente na década de 70 como, por exemplo, Ana Matilde Pacheco e Chaves; ela tinha como base à psicologia Junguiana. Houve também M. Diego que foi um dos primeiros a utilizar a palavra *Tarologia* no Brasil. Ele foi presidente da antiga “Associação Brasileira de Tarologia – Quirologia e Estudos Místicos” em São Paulo.

Referência Bibliográfica

Anon.: *Corpus Hermeticum e Discurso de Iniciação com a Tábua de Esmeralda*. (Hermes Trismegistos). Hemus Livraria Editora Ltda: 1978. São Paulo.

Budge, E. A. Wallis: *The Gods of the Egyptians or studies in egyptian mythology*. Volume I. Dover Publications, Inc: 1969. New York.

Chevalier, Jean e Alain Gheerbrant: *Diccionario de los Símbolos*. Editorial Herder S.A.: sd. Barcelona.

D'Alveydre, Saint-Yves: *A Sinarquia, O Arqueômetro, As Chaves do Oriente*. Organizado por Yves-Fred Boisset. Gnosis Editorial Eventos e Produções Editoriais Ltda: 2001. Rio de Janeiro.

Junior, José Cretella e Geraldo de U. Cintra: *Dicionário Latino-Português*. Companhia Editora Nacional: 3ª Edição, 1953. São Paulo.

Lexicon, Herder: *Dicionário de símbolos*. Editora Cultrix Ltda: 2ª Edição, 1994. São Paulo.

Massey, Gerald: *A Book of the Beginnings*. Volume I. (Egyptian Origenes in the British Isles). A New Introduction by John Henrik Clarke. A&B Books Publishers: 1994. New York.

Pereira, P. Isidro: *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Livraria Apostolado da Imprensa: 5ª Edição, 1976. Porto.

Santos, Mario Ferreira dos: *Tratado de Simbólica*. Volume IV. (Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais). Livraria e Editôra LOGOS Ltda, 4ª Edição, 1963. São Paulo.

Shorter, Alan W.: *Os Deuses Egípcios*. Editora Cultrix Ltda: 2ª Edição, 1992. São Paulo.

Yates, Francês A.: *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*. Editora Cultrix Ltda: 2ª Edição, 1990. São Paulo.